

Eugénio Lisboa

*Uma Conversa
Silenciosa*

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Eugénio Lisboa

*Uma Conversa
Silenciosa*

Olhares

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Eugénio Lisboa
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Uma Conversa Silenciosa

AUTOR

Eugénio Lisboa

DESIGN

www.whitestudio.pt

REVISÃO E PAGINAÇÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Composto em Jannon 10 Pro
Impresso em Ensocoat 1 face 275 g (capa)
e Coral Book Ivory 90 g (miolo)

1.ª EDIÇÃO

Fevereiro 2019

ISBN 978-972-27-2667-2

DEPÓSITO LEGAL N.º 437598/18

EDIÇÃO N.º 1022374

CRITICAR OS CRÍTICOS

Diz-se que poucos críticos foram tão imoderados como o dadaísta Jacques Vaché, que subiu ao palco de um teatro parisiense, puxou de um revólver e ameaçou disparar contra alguém que se atrevesse a aplaudir a peça. Com a atual ministra da cultura, a ilustre queirosiana e professora universitária, Isabel Pires de Lima, tem-se passado algo de semelhante, sendo ela, neste protocolo, o equivalente, não do homem do revólver, mas, antes, do autor da peça. A violência generalizada e imoderada do ataque que alguns órgãos da imprensa lhe têm destinado, a ela e ao seu secretário de Estado, o musicólogo e professor Mário de Carvalho, assumem o perfil de algo que nos faz desconfiar. Fica-nos muito a impressão de que os usuais beneficiários de sinecuras, benesses, encomendas e outros «confortos» que a teta estatal costuma propiciar (sempre aos mesmos, os *usual suspects* do filme *Casablanca*) não viram, desta vez, as suas expectativas coroadas de êxito. E não deixa, nisto tudo, de ser curioso e até revelador o silêncio ensurdecido do assessor cultural do Primeiro-Ministro, o qual se refugia no mutismo, como

quem aponta o dedo, às escondidas, em uníssonos com os que descarregam os revólveres. O ruído, que fazem os que falam e o que não fala é de tal ordem que se parece muito com a ameaça de Vaché: abata-se quem elogiar a peça. Como a autonomia pensante não é, no nosso país, a mercadoria mais bem distribuída, mesmo as pessoas que começam a achar tudo isto muito estranho não se atrevem a interromper o barulho: o qual aumenta, em decibéis, de dia para dia.

Acontece que a abstinência da ministra, relativamente à distribuição das usuais benesses pelos usuais recebedores — os *usual suspects* — dá-nos a ideia de não corresponder a uma distração punível, mas antes constituir um «programa»: abolição de vícios instituídos, limpeza do ar atmosférico, instituição de uma política de ética e de rigor, tentativa de dinamizar instituições que tendiam a «amolecer», etc. etc. Tudo coisas tremendamente inconfortáveis e pouco palatáveis como é sempre uma mudança de hábitos. A segurança que dá o conforto milenar — leitinho e o pãozinho a horas certas — torna dilacerante o momento em que nos dizem, que a fartura acabou.

É inimaginável o número de *usual suspects* que vivem literalmente suspensos das mudanças de governo e, conseqüentemente, de novos ministros, para se atirarem — sem subtilidade — ao telefone, fazendo saber aquilo que, desta vez, «querem». E não são sequer desempregados ou vadios. Têm profissões sólidas e até aparatosas (professores universitários, jornalistas que dão nas vistas, economistas) — mas não acham que os cargos que exercem tenham suficiente *chic* e os ponham suficientemente na ribalta e no centro do câmbio dos favores. Em suma, não rendem a longo prazo,

CIÊNCIA: UM PERGUNTAR IMPERTINENTE
(A PROPÓSITO DE UM LIVRO
DE ANTÓNIO BROTAS)

*That is the essence of science:
ask an impertinent question and
you are on the way to a pertinent answer.*

J. Bronowski

De ciência falemos hoje um pouco. Este, em que escrevo, é um jornal de ideias e de cultura — o que não é o mesmo que dizer: só de letras e de artes. A ciência é a «outra» cultura, não menos importante do que a chamada humanística. Saber Ésquilo, Sófocles ou Virgílio não é mais *chic* do que manusear Arquimedes, Pitágoras ou Euclides. O físico teórico contemporâneo Paul Davies observava, com fina e justiceira ironia, que «a perceção pública de um intelectual é a de um cavalheiro de óculos e cabelos a esbranquiçarem, que estuda mitologia grega, beberica *sherry* e impele, com vara preguiçosa e contemplativa, rio abaixo, o barco, por entre os terrenos de algum colégio antigo. E é com esta perceção», prossegue Davies, «que é dado um *status* que sugere serem os intelectuais das artes e das letras quem detém o monopólio,

outorgado por Deus, das grandes questões da existência.» A esta percepção bem instalada, os cientistas acabaram por reagir, saltando para o palco e fazendo-se ouvir de um público cada vez mais alargado. De resto, Davies avisara com clarividência: «O facto de os cientistas começarem a ser ouvidos, captando não só os espíritos mas também os corações da população — como se evidencia pelo fenomenal êxito dos livros de ciência — está a provocar o que se parece muito com uma gritaria territorial para o lado das letras. A repercussão disto tem assumido a forma de um palavreado histórico nos jornais e periódicos, e uma chuva de livros que denunciam os cientistas como fraudes arrogantes e interesseiras. [...] Durante anos e anos, os cientistas foram ignorados porque não eram ouvidos; agora que começam a ser ouvidos, são violentamente atacados por uma máfia intelectual.»

Os cientistas, portanto, não se resignaram — e até descobriram, na esteira de outros, como Jean Rostand (notável cientista e um dos grandes prosadores da França, ao nível dos maiores pensadores aforistas que nos deu a pátria de Pascal), que sabiam escrever e eram até capazes de entrar em competição com os humanistas, no próprio território destes. Stephen Jay Gould, o autor do celebrado livro *O Sorriso do Flamingo* foi ao ponto de dizer, com ácida energia: «Existe algo de parecido com uma conspiração entre intelectuais literários que se tomam por donos da paisagem intelectual e das revistas de avaliação crítica, quando, de facto, há um grupo de escritores de não ficção, largamente oriundos das ciências, que possuem todo um exército de ideias fascinantes sobre que as pessoas querem ler». E, acrescenta, com vingativa ironia, «alguns de nós são escritores decentes e exprimem-se razoavelmente bem.»

CARTA AO PRIMEIRO-MINISTRO DE PORTUGAL

Ex.^{mo} Senhor Primeiro-Ministro,

Hesitei muito em dirigir-lhe estas palavras, que mais não dão do que uma pálida ideia da onda de indignação que varre o país, de norte a sul, e de leste a oeste. Além do mais, não é meu costume nem vocação escrever coisas de cariz político, mais me inclinando para o pelouro cultural. Mas há momentos em que, mesmo que não vamos nós ao encontro da política, vem ela, irresistivelmente, ao nosso encontro. E, então, não há que fugir-lhe.

Para ser inteiramente franco, escrevo-lhe, não tanto por acreditar que vá ter em V. Ex.^a qualquer efeito — todo o vosso comportamento, neste primeiro ano de governo, traíndo, inescrupulosamente, todas as promessas feitas em campanha eleitoral, não convida à esperança numa reviravolta! — mas, antes, para ficar de bem com a minha consciência. Tenho 82 anos e pouco me restará de vida, o que significa que, a mim, já pouco mal poderá infligir V. Ex.^a e o algum que me inflija será sempre de curta duração. É aquilo a que costumo

chamar «as vantagens do túmulo» ou, se preferir, a coragem que dá a proximidade do túmulo. Tanto o que me dê como o que me tire será sempre de curta duração. Não será, pois, de mim que falo, mesmo quando use, na frase, o «odioso eu», a que aludia Pascal.

Mas tenho, como disse, 82 anos e, portanto, uma alongada e bem vivida experiência da velhice — da minha e da dos meus amigos e familiares. A velhice é um pouco — ou é muito — a experiência de uma contínua e ininterrupta perda de poderes. «Desistir é a derradeira tragédia», disse um escritor pouco conhecido. «Desistir» é aquilo que vão fazendo, sem cessar, os que envelhecem. «Desistir», palavra horrível. Estamos no verão, no momento em que escrevo isto, e acorrem-me as palavras tremendas de um grande poeta inglês do século XX (Eliot): «Um velho, num mês de secura»... A velhice, encarquilhando-se, no meio da desolação e da secura. É para isto que servem os poetas: para encontrarem, em poucas palavras, a medalha eficaz e definitiva para uma situação, uma visão, uma emoção ou uma ideia.

A velhice, Senhor Primeiro-Ministro, é, com as dores que arrasta — as físicas, as emotivas e as morais — um período bem difícil de atravessar. Já alguém a definiu como o departamento dos doentes externos do Purgatório. E uma grande contista da Nova Zelândia, que dava pelo nome de Katherine Mansfield, com a afinada sensibilidade e sabedoria da vida, de que V. Exa. e o seu governo parecem ter défice, observou, num dos contos singulares do seu belíssimo livro intitulado *The Garden Party*: «O velho Sr. Neave achava-se demasiado velho para a primavera.» Ser velho é também isto: acharmos que a primavera já não é para nós, que não temos

**TO FUCK, OR NOT TO FUCK: THAT IS
THE QUESTION**

*O ratio literacia/iliteracia é constante,
mas, nos nossos dias, os iletrados sabem
ler e escrever.*

Alberto Moravia

Peço, desde já, que me perdoem o tom desenfastiado desta prosa, a começar pelo título: paráfrase libertina de um solilóquio célebre. Vou usar, como verão, vocábulos desataviados ou mesmo crus: o culpado disto tudo é o escritor António Lobo Antunes que, numa entrevista recente — das muitas que ele não gosta de dar mas vai dando — sugeriu o mote, ao afirmar o seguinte, referindo-se a Fernando Pessoa: «Eu me pergunto se um homem que nunca fodeu pode ser um bom escritor.» Não é a primeira vez que o autor de *Memória de Elefante* nos serve este mimo. Provavelmente, ao tê-la, gostou tanto da ideia, que não se cansa de no-la servir, faça chuva ou faça sol. Reajo a ela, não tanto pela crueza vicentina do tom (e do glossário), como pelo facto de me não parecer cientificamente sustentável. E, neste

ponto, faço apelo ao que, de ciência, ainda reste na cabeça do outrora psiquiatra Lobo Antunes.

Antunes propõe, em suma, que a falta de tesão de Pessoa não é compatível com o equipamento profissional de um bom escritor, ou, de maneira menos crua: a castidade não leva à criação poderosa. Ora bem: quando se põe, em ciência, uma hipótese de trabalho, esta só se mantém de pé, até ao preciso momento em que um novo facto conhecido a vem desmentir (ou falsificar, como diria Popper). Ora o que não faltam são factos que perturbam, abanam e fazem desmoronar a atrevida asserção de Lobo Antunes — os tais factos que Ronald Reagan apelidava de «estúpidos», porque contrariavam as suas fantasias primárias.

Isaac Newton, incontestavelmente o maior cientista de todos os tempos, morreu virgem ou, se Lobo Antunes assim preferir, não consta que alguma vez tenha fodido — o que não o impediu de sondar, como ninguém, os enigmas do universo. Também não creio que um dos maiores artistas e inventor prodigioso de artefactos tecnológicos — Leonardo da Vinci — tenha fodido por aí além, se é que, propriamente, alguma vez fodeu. Estes dois exemplos, só por si, bastariam para foder irremediavelmente a hipótese científica do ex-aprendiz de psiquiatra *doublé* de ficcionista, que dá pelo nome de Lobo Antunes. É certo que nenhum destes personagens que citei é, exactamente, um escritor e Lobo Antunes referiu-se apenas à incapacidade de um casto escrever boa literatura. Vejamos, então, do lado dos escritores. Os exemplos — os tais factos «estúpidos» — não faltam. Henry James, por exemplo, não consta que alguma vez tenha ido para a cama, com menina ou menino. Walpole bem quis, um dia, seduzi-lo para

**FERNANDO PESSOA: L'EXIL QUI
EST UN ROYAUME**

Harold Bloom, Professeur d'humanités à l'Université de Yale et doyen des critiques littéraires américains, dans son livre célèbre *The Western Canon (Le Canon occidental)*, plaçait, parmi les 26 éminences choisies comme constituant, selon lui, le canon occidental, le poète portugais Fernando Pessoa, à côté d'écrivains comme Dante, Shakespeare, Joyce et Proust. Dans le monde latin — Espagne, France, Italie, Brésil, Amérique Latine — ce choix pourrait très bien passer: il y avait beaucoup de traductions en espagnol, français et même italien, et beaucoup de monde l'avait étudié et promu — donc, pas de problème là-dessus. En ce qui concerne les anglais et les américains il y a là toujours beaucoup de résistance à tout ce qui n'est pas écrit en anglais originellement. Pour donner un seul exemple, le magazine américain *Time*, en faisant la critique du livre de Bloom, attribuait le choix du grand poète portugais, parmi les autres 25 éminences, au goût de ce Professeur pour des «obscurités académiques» — ce qui, à l'époque de la publication du *Canon occidental*, était déjà passablement scandaleux: il y avait déjà pas mal de traductions

de Pessoa en Angleterre et aux États Unis, quoique, il faut le dire, aucune traduction puisse donner le magistral empire de la langue que Pessoa possédait à un degré éminent.

Fernando Pessoa, soit le poète, soit l'homme, est une figure très singulière dans le royaume de la poésie portugaise. Un de nos plus grands poètes de tous les temps, manipulateur de la langue de Camões avec une virtuosité étourdissante, Fernando Pessoa est, de beaucoup de points de vue, très peu portugais: plutôt un étrange gentleman anglais, très pudique, très réservé, disons tout: très froid, et regardant, de retour au Portugal, après des années passées à Durban, en Afrique du Sud, [regardant, disais-je] son entourage et ses nouveaux amis de Lisbonne, avec une ironie amusée et, quelques fois, franchement choqué. Il a écrit des pages d'un comique très féroce, en essayant de caractériser la façon de vivre, de penser et d'agir de ses étrangers, selon lui, compatriotes.

Quand Je dis qu'on pourrait peut-être assimiler Pessoa à un anglais très réservé et un peut insulaire, Je reste probablement en deçà de la vérité: Pessoa n'était ni portugais, ni anglais, mais plutôt un éternel «étranger», toujours et partout, à tout ce qui est moyen, banal, quotidien, humain...

Âgé de huit ans, Pessoa part de Lisbonne pour Durban, sa mère allant rejoindre son nouveau mari, consul en cette ville sud-africaine. Pessoa fait donc ses études dans une langue nouvelle qu'il adopte chaleureusement et qu'il ira maîtriser jusqu'au point de gagner le Prix Reine Victoire pour la meilleure composition en anglais, parmi 899 candidats. L'anglais est devenu sa langue naturelle d'expression — tous ses papiers intimes, poèmes de cette époque sont écrits en anglais. Les livres (surtout de poésie), qu'il lit, sont d'écrivains

Uma Conversa Silenciosa, de Eugénio Lisboa, reúne 78 textos, breves ensaios sobre literatura, sobre escritores, sobre política cultural, sobre edição e editores. Ao longo de todos os ensaios perpassa a erudição do autor, o seu vasto conhecimento, não apenas das literaturas lusófonas mas também das literaturas de outras latitudes, nomeadamente de língua inglesa e francesa.

Numa escrita elegante, onde o rigor da palavra se associa a uma enorme amplitude cultural, pontuada, por vezes, pelo episódio curioso ou pela citação oportuna, *Uma Conversa Silenciosa* é também um diálogo. Diálogo onde o leitor tem como interlocutor um dos maiores críticos literários portugueses.

ISBN 978-972-27-2667-2



9 789722 726672